

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANA - CCH
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM
ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS

SHEILA CRISTINA COSTA CARREIRO

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA EM RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
PROMOVENDO A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA NA ESCOLA
QUILOMBOLA CEM-PROFESSOR LUIZ ALVES FERREIRA

SÃO LUÍS - MA
2025

SHEILA CRISTINA COSTA CARREIRO

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA EM RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
PROMOVENDO A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA NA ESCOLA
QUILOMBOLA CEM-PROFESSOR LUIZ ALVES FERREIRA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pagliosa Carvalho

SÃO LUÍS - MA
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

SHEILA CRISTINA COSTA CARREIRO

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA EM RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: PROMOVENDO
A EDUCAÇÃO AFROCENTRADA NA ESCOLA QUILOMBOLA CEM-PROFESSOR
LUIZ ALVES FERREIRA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão como pré-requisito para a obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pagliosa Carvalho

Aprovada em 07/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Pagliosa Carvalho (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Maria da Guia Viana
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Raissa Gabrielle Vieira Cirino
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

A caminhada que me trouxe até aqui não foi simples. Ela começou há muitos anos, quando, como aluna da Educação de Jovens e Adultos (EJA), enfrentei os desafios da vida cotidiana com coragem, mesmo diante das dificuldades sociais, familiares e econômicas. Criei meus filhos antes de me permitir sonhar com a universidade. E foi já com mais de 40 anos que tive a ousadia de ingressar em um curso de graduação, na Universidade Federal, na Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros uma licenciatura pioneira e única no país, que nasce como um sopro de esperança e transformação em uma sociedade tão diversa e, por vezes, desigual.

Sou profundamente grata a Deus, força que me guiou nos dias mais escuros e me sustentou na fé quando o cansaço parecia querer vencer. À minha família, que foi base e alicerce: ao meu companheiro Pedro Carreiro, pelo apoio constante, e especialmente à minha filha Perla Carreiro, presença amorosa que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu mesma duvidava. Ao meu filho Daniel, por sua paciência e carinho.

Não poderia deixar de mencionar os meus pequenos companheiros de quatro patas Boris, Lili, Chiquinha e Bigodim Escobar que se deitavam aos meus pés ou sobre a mesa, observando com atenção cada página virada, cada lágrima contida, cada sorriso de superação. Em sua singeleza, aliviaram o estresse e ofereceram o conforto silencioso que só os animais sabem dar.

Agradeço imensamente aos professores e professoras da LIESAFRO-UFMA, cuja excelência, dedicação e sensibilidade marcaram profundamente minha formação. Suas aulas e diálogos não apenas transmitiram conteúdos, mas abriram caminhos. Por meio deste curso, pude romper com a ignorância que me atravessava, reconhecer minha identidade como mulher negra, periférica, e me libertar de concepções que me foram impostas. Esse reconhecimento foi, para mim, um verdadeiro renascimento. Pude, enfim, me enxergar. E, ao me ver, pude sonhar. E, ao sonhar, decidi ser professora.

Registro minha sincera admiração pelos docentes Maria da Guia, Kátia Regis, Cidinalva, Claudimar, Viviane, Rosenverck e Pollyanna, cujas práticas pedagógicas

sensíveis, comprometidas e inspiradoras fizeram toda a diferença na minha trajetória.

Ao professor Marcelo Pagliosa, meu orientador, expresso minha mais sincera gratidão. Sua gentileza, humanidade e firmeza acadêmica marcaram minha trajetória. Trabalhar com ele durante os 18 meses da Residência Pedagógica foi uma experiência riquíssima em aprendizados. Tenho uma profunda admiração pelo trabalho que realiza com seus residentes e pibidianos, sempre com zelo e compromisso.

Agradeço também aos professores da Residência Pedagógica, professor Lúcio Rogério e professor Pedro Cordeiro, por suas contribuições generosas e por tornarem esse processo ainda mais significativo. Suas orientações ampliaram meu olhar sobre a prática docente e sobre o papel político e formativo da escola.

Aos amigos e amigas que caminharam comigo durante a graduação, deixo meu carinho e afeto: Alex Matos, Antônio Sodré, Renata Costa, Dayane Andrade, João Lucas, Vilcerlene Pereira, Margareth Almeida, Júlia Crispim, Emanuel, Thiago Barros, Rayfran e Fátima. Cada encontro, cada conversa, cada troca foi fundamental para que eu resistisse e persistisse. Fiz amigos para a vida, companheiros de luta e de esperança.

Este curso foi profundamente importante para mim. Ele me possibilitou compreender as relações étnico-raciais em sua complexidade, e sobretudo, me permitiu me reconhecer como mulher negra. Durante boa parte da vida, esse reconhecimento me foi negado e eu mesma não conseguia vê-lo. A graduação me devolveu o direito de ser quem sou. Foi libertador.

É com esse sentimento de libertação que abraço o compromisso de levar esse conhecimento para as salas de aula, especialmente no Maranhão, onde a maioria da população é negra. Ser educadora nesse território é, ao mesmo tempo, dever e privilégio, é a chance de retribuir o que recebi e transformar outras vidas, como a minha foi transformada. Obrigada.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito da Residência Pedagógica do curso de Estudos Africanos e Afro-brasileiros da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), realizadas na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira, entre novembro de 2022 e abril de 2024. A proposta formativa esteve fundamentada na Lei nº 10.639/03 e ancorada nos referenciais de Paulo Freire e Abdias do Nascimento, com foco na promoção da equidade racial, na valorização da identidade negra e na desconstrução de estereótipos no ambiente escolar. Entre as ações implementadas destacam-se a criação de uma biblioteca antirracista, regências temáticas com abordagem afrocentrada e rodas de diálogo com a comunidade escolar. A análise parte de registros, diagnósticos institucionais e observações de campo, permitindo identificar avanços na construção de uma cultura escolar mais inclusiva e representativa. Os resultados evidenciam o papel formativo da residência pedagógica na preparação de docentes comprometidos com a justiça social, a consciência histórica e a transformação da escola em um espaço de resistência, pertencimento e afirmação identitária.

Palavras-chave: Formação de Professores, Residência Pedagógica, Educação Quilombola, Relações Étnico-Raciais, Antirracismo.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze the pedagogical practices developed within the scope of the Teaching Residency Program of the African and Afro-Brazilian Studies course at the Federal University of Maranhão (UFMA), carried out at the Quilombola School CEM-Professor Luiz Alves Ferreira, between November 2022 and April 2024. The formative proposal was based on Law no. 10.639/03 and grounded in the theoretical frameworks of Paulo Freire and Abdias do Nascimento, focusing on the promotion of racial equity, the appreciation of Black identity, and the deconstruction of stereotypes in the school environment. Actions included the creation of an anti-racist library, thematic teaching practices with an Afrocentric approach, and dialogue circles with the school community. The analysis draws on records, institutional diagnostics, and field observations, allowing the identification of advances in building a more inclusive and representative school culture. The results highlight the formative role of the residency program in preparing teachers committed to social justice, historical consciousness, and the transformation of the school into a space of resistance, belonging, and identity affirmation.

Keywords: Teacher Education, Teaching Residency, Quilombola Education, Ethnic-Racial Relations, Anti-Racism.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 01 - Projeto realizado em 13 de maio envolvendo toda a escola.....	21
Figura 02 - Comemoração do Dia das Mães com a presença de psicólogos e pedagogos, promovendo diálogos entre mães e alunos.....	21
Figura 03 - Recreação à espera dos lanches.....	22
Figura 04 - Apresentação dos alunos durante o mês da Consciência Negra.....	28
Figura 05 - Diálogo com os adolescentes sobre preconceito e discriminação.....	29
Figura 06 - Exposições de artefatos culturais afrodescendentes.....	30
Figura 07 - Sugestão implementada: Apresentação das salas de aula após a intervenção.....	33
Figura 08 - Aplicações de regências.....	35
Figura 09 - Professor e dançarino de Gana - AF.....	39
Figura 10- Amostra dos livros da biblioteca antirracista.....	42
Figura 11 - Alunos, Residentes, Preceptor, Gestores da escola e coordenador da residência na inauguração da biblioteca antirracista.....	43
Figura 12 - Exposição das Religiões de Matriz Africana.....	49

QUADROS

Quadro 01 – Dimensão 1: Atitudes e Relacionamentos - Indicadores de qualidade na educação.....	44
Quadro 02 – Quadro de Avaliação na Residência Pedagógica: Padrões claros de Bom, Regular e Ruim.....	45
Quadro 03 – Resultados da Avaliação de Indicadores de Qualidade nas Relações Raciais na Escola.....	45

LISTA DE SIGLAS

UFMA — Universidade Federal do Maranhão

CCH — Centro de Ciências Humanas

EJA — Educação de Jovens e Adultos

CEM — Centro Educa Mais

LIESAFRO — Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros

SIGAA — Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ENAP — Escola Nacional de Administração Pública

DAS — Direção e Assessoramento Superior

IPEA — Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES	16
3. ATIVIDADES DO 13 MAIO	19
4. ATIVIDADES PARA A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA	26
5. RELATO DETALHADO DAS ATIVIDADES E SEU DESENVOLVIMENTO	30
6. BIBLIOTECA ANTIRRACISTA EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA: FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E COMPROMISSO SOCIAL	39
7. APLICAÇÃO DOS INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA	43
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso visa compartilhar as experiências enriquecedoras e significativas vivenciadas pelos residentes pedagógicos discentes do curso de Estudos Africanos e Afro-brasileiros da Universidade Federal do Maranhão durante a participação no Programa Residência Pedagógica desenvolvido na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira, ao longo de 18 meses. Situada no coração do maior quilombo da América Latina, o Quilombo Liberdade¹, esta instituição proporcionou aos residentes um ambiente propício para promover uma educação que reconhecesse e valorizasse as identidades e trajetórias históricas dos alunos afrodescendentes.

Durante essa experiência, minha atuação como residente foi direcionada às turmas do 9º ano do ensino fundamental, do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrado na instituição educacional. Este relatório não apenas registra experiências e contribuições durante esse período de imersão na realidade escolar quilombola, como igualmente busca analisar criticamente o papel da educação na desconstrução de estereótipos e na promoção da igualdade racial. Partindo dos ideais de conscientização de Freire (1974) e Nascimento (1980), e de outros autores que abordam essa temática, busquei estabelecer conexões significativas entre os conteúdos curriculares e as vivências dos alunos, visando à construção de uma identidade histórica e cultural forte e positiva.

Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1974), destaca:

A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam, sobre ela. (Freire, 1974, p. 40)

Abadias do Nascimento, em sua obra *O quilombismo* (1980), destaca:

¹ Liberdade é o primeiro quilombo urbano do Maranhão: o Território Liberdade Quilombola foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares como quilombo urbano, escola conhecida como professor Luizão.

Um esforço gigantesco superior, que depois bem alto a respeito do amor à liberdade e da consciência de auto respeito e dignidade humana que os africanos afirmam naquela luta desesperada de resgate do seu ser total. (Nascimento, 1980, p. 144)

Neste contexto, essa afirmação é especialmente relevante para a educação em uma escola quilombola nos dias de hoje, contribuindo para exploração e investigação da história dos quilombos no Brasil. É fundamental ressaltar como essas comunidades lutaram tenazmente pela sua liberdade e pela preservação de sua identidade étnica e cultural. Isso serve como uma inspiração poderosa para os estudantes quilombolas, reforçando sua conexão com suas raízes históricas e culturais.

Apesar dos avanços representados por políticas afirmativas como o sistema de cotas, o acesso da população quilombola ao ensino superior ainda é marcado por profundas desigualdades. Segundo dados do IBGE (2022), apenas 15,3% dos jovens negros entre 18 e 24 anos frequentam o ensino superior, contra 29,2% dos brancos. No caso da população quilombola, a exclusão é ainda mais acentuada: estudo do INEP (2019) revelou que apenas 0,36% dos estudantes matriculados no ensino superior público se autodeclararam quilombolas. Essa sub-representação também se reflete em outros espaços de poder, como concursos públicos e cargos de liderança: dados da ENAP (2020) indicam que negros ocupam menos de 10% dos cargos de Direção e Assessoramento Superior (DAS) no serviço público federal.

Diante desse cenário, a existência de uma escola quilombola em um território urbano, como é o caso do CEM-Professor Luiz Alves Ferreira no Quilombo Liberdade, assume importância estratégica não apenas como espaço de aprendizado, mas como locus de resistência e afirmação identitária. Sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula, contribuindo para ampliar as possibilidades de acesso da juventude negra e quilombola à universidade, aos concursos e à participação cidadã plena. A escola torna-se, assim, não apenas lugar de instrução, mas ainda de reconstrução de imaginários, de valorização da memória coletiva e de combate ao epistemicídio que historicamente excluiu os saberes africanos e afro-brasileiros do currículo escolar. A experiência vivenciada nesta residência pedagógica confirma que políticas públicas de inclusão, como as cotas raciais e a

criação de escolas quilombolas, são instrumentos indispensáveis para a promoção da justiça social e para a construção de um Brasil verdadeiramente democrático.

A experiência vivenciada durante a Residência Pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira ressoa profundamente com uma abordagem educativa que transcende a mera reflexão teórica, incorporando também a ação transformadora no mundo real em prol da igualdade de oportunidade. Durante esse período, participei ativamente em várias etapas do processo educativo, desde o planejamento anual da escola até a execução de regências nas salas de aula. Colaborei no diagnóstico da realidade escolar, identificando necessidades e desafios enfrentados pela comunidade escolar, e contribuí para o planejamento e realização de atividades escolares, visando criar um ambiente educativo mais inclusivo e engajador. Nas regências realizadas, propusemos uma abordagem inovadora ao representar as salas de aula por nomes temáticos de personalidades negras de grande influência na sociedade brasileira. Essa iniciativa não apenas homenageou figuras importantes da história e cultura afro-brasileira, como também promoveu a identificação dos alunos com suas raízes e estimulou o orgulho de sua herança cultural.

Minha participação na Residência Pedagógica foi marcada pelo comprometimento com uma educação mais inclusiva e representativa, promovendo o respeito à diversidade e valorizando a identidade de cada aluno. A experiência na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira foi transformadora, proporcionando não apenas um espaço para a aplicação prática dos conhecimentos acadêmicos, como ainda uma oportunidade para refletir sobre o papel fundamental da educação na promoção da justiça racial.

Durante o período de minha residência pedagógica, deparei-me com desafios singulares relacionados às condições sociais dos alunos. Muitos deles provinham de famílias que enfrentavam situações delicadas, como envolvimento em atividades criminosas, tais como o tráfico de drogas e roubos, além de outras adversidades imprevistas. Além disso, percebi que uma parcela considerável dos estudantes vinha de lares nos quais os pais precisavam trabalhar em feiras locais, resultando em uma necessidade frequente de os próprios filhos contribuírem financeiramente com as

despesas domésticas. Outros alunos pertenciam a núcleos familiares nos quais alguns membros estavam detidos em instituições prisionais, enquanto alguns enfrentavam a realidade de serem criados apenas pelos avós, devido ao vício em drogas de seus pais. Além disso, constatei que vários alunos estavam lamentavelmente envolvidos com a criminalidade em seu cotidiano, muitos dos quais não tinham acesso à internet ou a atividades culturais, de lazer ou esportivas básicas. Adicionalmente, notei que uma parte significativa dos alunos nunca havia saído de seu próprio bairro ou possuía conhecimento limitado sobre sua própria cidade. Diante dessas realidades, adotei uma abordagem sensível e empática, oferecendo suporte emocional e incentivo para que os alunos continuassem seus estudos como forma de superar as adversidades. Reconheci a importância de entender a realidade desses alunos e adaptar minhas práticas pedagógicas para atender às suas necessidades específicas.

A natureza quilombola da escola exigiu uma atenção especial à promoção da cultura afrodescendente e à valorização da história e das lutas dos antepassados dos alunos. Durante as aulas de História, integrei narrativas e perspectivas afrocentradas, destacando a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes para a formação da identidade brasileira e global. Essa abordagem foi fundamental para proporcionar uma educação inclusiva e que reconheça a diversidade cultural e social presente na comunidade escolar, além disso, foi criado um espaço de diálogo e reflexão sobre questões de identidade, representatividade e justiça social. Os alunos foram expostos a uma ampla seleção de vídeos que abordavam questões pertinentes às relações raciais, incluindo temas como preconceito, racismo, violência contra corpos negros, desigualdades sociais e históricas, bem como aspectos culturais e históricos relacionados à África. Essa iniciativa visava estimular o questionamento de estereótipos e preconceitos, incentivando o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a realidade sociocultural em que estão inseridos. Entre os vídeos apresentados, destacam-se exemplos como "Preconceito, Estereótipo e Discriminação", produzido pelo canal Minutos Psíquicos, "Bumba Meu Boi", disponibilizado no canal #SONORIDADES, e "10 Mulheres Negras que Lutaram contra a Escravidão", veiculado pelo canal Historias Negras. É relevante salientar que esses vídeos mencionados são apenas alguns exemplos da diversidade de conteúdos explorados durante o programa educacional.

A experiência de assistir a esses materiais audiovisuais serviu como uma poderosa ferramenta educativa. Os estudantes foram desafiados a pensar suas próprias percepções em relação às questões de preconceito e discriminação racial, enquanto também expandiam seu conhecimento sobre a história e a cultura afrodescendente. Através dessas atividades práticas, os alunos puderam se expressar e se reconhecer como agentes de transformação em suas comunidades. Eles foram capacitados a se envolverem de forma mais informada e engajada nas discussões sobre equilíbrio étnico e equidade. Essa jornada destacou o impacto positivo de uma educação afrocentrada² e emancipatória na vida dos alunos, capacitando-os a enfrentar os desafios do presente e a construir um futuro mais imparcial. A experiência na Residência Pedagógica na Escola Quilombola reforçou minha convicção na importância de uma prática educativa comprometida com a promoção da diversidade, equidade e respeito aos direitos humanos. Através dessa vivência, percebi a necessidade de uma política pedagógica menos eurocentrada, que valorize e integre a diversidade cultural e racial dos estudantes em todos os aspectos do currículo escolar.

² A educação afrocentrada é uma abordagem pedagógica que busca valorizar e centralizar a cultura, história e identidade dos povos africanos e afrodescendentes. Surge como uma resposta às lacunas existentes nos sistemas educacionais tradicionais, que muitas vezes negligenciam ou distorcem a narrativa africana e afrodescendente.

2. PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

A elaboração do subprojeto da Residência Pedagógica teve início com as reuniões com o professor orientador³, residentes e os professores responsáveis, visando discutir a importância e os objetivos desse plano. Durante essas sessões, foram compartilhadas reflexões teóricas e experiências práticas sobre como promover uma educação inclusiva e livre de preconceitos. Em parceria com a equipe gestora e docente da Escola, delineou-se o processo de construção do plano, alinhando-o com as diretrizes estabelecidas pela Lei nº 10.639/003 e os Indicadores que aplicamos por meio do documento já citado (CARREIRA; SOUZA, 2013), com o objetivo de oferecer à comunidade escolar um instrumento para avaliar suas práticas em relação à promoção da igualdade racial na educação. Esses indicadores foram aplicados e discutidos de forma participativa, em um processo coletivo, e visa auxiliar na construção de uma educação que valorize a identidade, história e cultura dos diversos grupos étnicos que compõem a sociedade brasileira. Destacou-se a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, integrando conteúdos relacionados à história, cultura e identidade afro-brasileira e africana em todas as disciplinas do currículo escolar.

Apesar de seu caráter legal e pedagógico transformador, a efetiva implementação da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, ainda se mostra frágil e desigual em grande parte do território nacional. O que deveria ser um instrumento de reparação histórica e valorização da diversidade étnico-racial tem enfrentado obstáculos estruturais e políticos. De acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Alana e pela Ação Educativa (2021), que analisou secretarias municipais de educação em todas as regiões do país, 18% dos municípios não desenvolvem nenhuma ação voltada à aplicação da lei, e apenas 29% apresentam iniciativas sistemáticas e planejadas. A maioria das redes de ensino ainda carece de políticas de formação continuada que instrumentalizem os educadores para abordar

³ Prof. Dr. Marcelo Pagliosa Carvalho: e-mail: marcelo.pagliosa@yahoo.com.br

adequadamente as temáticas raciais, resultando na superficialidade ou invisibilização desses conteúdos no cotidiano escolar.

Esses dados revelam a persistência de um currículo hegemônico que silencia as contribuições africanas e afro-brasileiras para a constituição da sociedade brasileira, reforçando um modelo eurocêntrico e excludente de educação. A falta de diretrizes claras, de monitoramento e de financiamento específico por parte dos governos estaduais e federal também contribui para o não cumprimento da lei. Segundo o relatório “A Lei 10.639/03 no cotidiano das escolas” (IPEA, 2020), apenas 36% dos professores da educação básica afirmam ter recebido alguma formação específica sobre relações étnico-raciais, o que evidencia o distanciamento entre o que está previsto em lei e a prática escolar efetiva.

Nesse contexto, torna-se evidente que a implementação da Lei 10.639/03 não depende apenas de sua existência formal, mas de um compromisso político e institucional com a educação antirracista. Investir na formação docente, na produção de materiais didáticos específicos e na valorização da identidade negra no espaço escolar é condição essencial para a consolidação de uma escola democrática e promotora da equidade racial.

Diante desse cenário desafiador, diversas estratégias foram executadas para lidar com os problemas de discriminação e promover a inclusão na comunidade escolar. Iniciativas como as Sessões de Contação de Histórias foram adotadas para apresentar heróis negros e quilombolas, como Zumbi dos Palmares e Dandara, estimulando a empatia e a identificação dos alunos com suas histórias. Paralelamente, foram oferecidas Atividades de Arte e Expressão, permitindo que os estudantes explorem sua herança cultural por meio da pintura, dança, música e artesanato, promovendo uma compreensão mais profunda da cultura afro-brasileira. Além disso, aulas sobre Beleza Negra foram incorporadas ao currículo, abordando a diversidade estética e incentivando a aceitação da própria beleza em todas as suas

manifestações. A organização de uma apresentação sobre pertencimento racial no Brasil permitiu que os alunos compartilhassem seus conhecimentos, contando com o apoio dos profissionais da educação para preparar e alcançar um público mais amplo. Mostras literárias e exposições itinerantes destacaram personalidades negras e a contribuição da cultura afrodescendente para a sociedade brasileira.

O desenvolvimento de um calendário afro-affirmativo e a realização de rodas de conversas e debates enriqueceram a compreensão dos alunos sobre identidade racial e formação étnica no Brasil. A integração de práticas pedagógicas que uniram conhecimentos curriculares com a memória coletiva dos mais velhos promoveu uma maior valorização da diversidade cultural na sociedade brasileira. Essas ações demonstram um compromisso concreto da comunidade escolar em promover a inclusão e a diversidade, apesar dos desafios enfrentados na implementação da Lei 10.639/03.

3. ATIVIDADES DO 13 MAIO

Durante o planejamento e a execução das atividades relacionadas ao dia 13 de maio, o evento enfocou a cultura quilombola e figuras históricas relevantes, proporcionando um momento de reflexão crítica sobre a identidade, a resistência e a história dos afrodescendentes. Durante a apresentação, um aluno em particular trouxe informações interessantes sobre o patrono da escola, o professor Luiz Alves Ferreira, destacando seu apelido significativo: "Dr. Quilombola". Este foi um importante ponto de partida para discussões sobre pertencimento, identidade e o papel da educação na formação de jovens negros.

A reflexão sobre o contexto da Lei Áurea de 1888, que formalmente aboliu a escravidão no Brasil, permitiu abordar a questão central de que, apesar de sua importância legal, a abolição não contemplou as condições necessárias para a inclusão efetiva dos negros na sociedade. Como discutido por autores como Abdias do Nascimento (1980), Florestan Fernandes (2008) e Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2005), a abolição foi apenas um primeiro passo, sem a implementação de políticas públicas estruturais que garantissem a integração plena da população negra. Nascimento (1980) destaca que a liberdade formal não resultou em uma melhoria substancial nas condições de vida dos ex-escravizados, uma vez que a falta de terra, educação e emprego adequado os condenou a uma marginalização contínua. Fernandes (2008) complementa essa visão ao afirmar que a transição abrupta para a liberdade foi acompanhada de uma exclusão social profunda, na qual os negros não tiveram as ferramentas necessárias para superar a opressão histórica. Guimarães (2005) amplia a crítica ao enfatizar o papel do racismo estrutural, que perdurou após a abolição, perpetuando a exclusão e a marginalização dos negros, especialmente no campo educacional.

As atividades realizadas durante a residência pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira não apenas reverberam a importância da data de 13 de Maio, bem como contextualizaram a luta contínua pela igualdade e pelos direitos dos afrodescendentes. Durante o evento, com a participação das turmas do 9º ano e do ensino médio, buscamos explorar os desafios educacionais e sociais vividos pelos alunos, homenageando figuras

importantes da cultura afro-brasileira e refletindo sobre a marginalização histórica e atual da população negra. As discussões sobre a abolição foram enriquecidas pela análise crítica dos legados da Lei Áurea, alinhando os ensinamentos de Nascimento, Fernandes e Guimarães à vivência escolar quilombola, que constantemente desafia a exclusão e busca afirmar as identidades negras em um contexto de resistência e revalorização cultural.

Figura 01 - Projeto realizado em 13 de maio envolvendo toda a escola.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 02 - Comemoração do Dia das Mães com a presença de psicólogos e pedagogos, promovendo diálogos entre mães e alunos.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 03 - Recreação à espera dos lanches.



Fonte: Acervo Pessoal

As atividades proporcionaram uma integração relevante em temas cruciais de identidade, pertencimento e educação para os jovens quilombolas, evidenciando o significado intrínseco dessas heranças na sociedade contemporânea. Uma abordagem singular desse evento foimeticulosamente planejada. O dia 13 de maio de 1888, reconhecido por marcar o término oficial da escravidão no Brasil com a promulgação da Lei Áurea, representou a emancipação de cerca de 700 mil pessoas⁴.

A residência pedagógica na Escola Quilombola Centro Educa Mais Professor Luiz Alves Ferreira, portanto, proporcionou uma contribuição significativa. Essa vivência incluiu uma série de atividades pedagógicas e culturais durante as comemorações do Dia 13 de Maio. No entanto, essa experiência transcende o mero marco da abolição da escravidão, abordando aspectos cruciais da identidade e da cultura negra no Brasil. Este relatório explora as atividades realizadas sob a ótica da rica tapeçaria cultural e histórica brasileira, considerando especialmente o impacto do longo alcance da abolição.

A obra Quilombismo (1980), de Nascimento, lança luz sobre uma provocação inquietante: a abolição formal da escravidão não garantiu automaticamente

⁴ Estima-se que mais de 700 mil escravizados tenham recebido sua liberdade com essa legislação. No entanto, é importante problematizar essa data, pois a abolição da escravatura não foi um ato de benevolência, mas sim o resultado de décadas de luta e resistência por parte dos movimentos abolicionistas, da sociedade civil e dos próprios escravizados. Fonte: Brasil Escola. 13 de maio — Dia da Abolição da Escravatura. Disponível em:<https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao-escravatura.htm>. Acesso em: 19 mar. 2024.

igualdade e justiça aos ex-escravizados. O autor ressalta as lacunas evidentes no processo de abolição e realça a importância incessante de abordar as questões de desigualdade e discriminação racial para alcançar uma igualdade e justiça na sociedade brasileira. Nesse sentido, Nascimento (1980) ressalta o paradoxo vivenciado pelos africanos escravizados após a abolição formal da escravidão. Enquanto adquiriam o status legal de cidadãos, eram simultaneamente alvo de discriminação e exclusão social, marginalizados no mercado de trabalho e privados de sua dignidade humana. O texto aborda uma questão profundamente relevante para os dias atuais, visto que as desigualdades raciais e sociais ainda persistem como consequências da abolição incompleta e das práticas subsequentes.

Segundo Wilson do Nascimento Barbosa (2006), essas desigualdades persistem principalmente no campo da educação devido a uma série de fatores estruturais e históricos. Barbosa (2006) destaca que o acesso desigual à educação é uma das principais razões pelas quais as desigualdades raciais persistem. A falta de investimento em escolas localizadas em áreas predominantemente negras, aliada à discriminação dentro do sistema educacional, cria barreiras significativas para os alunos negros em busca de uma educação de qualidade. Essa disparidade na qualidade do ensino oferecido resulta em um ciclo de desvantagem educacional para a população negra, limitando suas oportunidades de avanço profissional e socioeconômico. Nesse sentido, conforme defende o professor Barbosa (2006, p. 1), “[...] a população negra é submetida a todas as formas de abjeção, que em seu todo expressam o dimensionamento do racismo.”

Essas desigualdades na educação têm repercussões sociais significativas, contribuindo para taxas mais altas de desemprego, pobreza e marginalização social entre a população negra. Portanto, é evidente que as desigualdades raciais persistem nos dias de hoje, representando um desafio importante que requer políticas eficazes de inclusão e combate à discriminação para serem superadas. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 ratificam essa realidade. Entre os indivíduos afrodescendentes com 15 anos ou mais, a taxa de analfabetismo atinge 7,4%, mais que o dobro daquela registrada entre os brancos (3,4%). Essa disparidade se amplia com a idade, sendo que, no grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo entre os brancos é de 9,3%, enquanto entre

os afrodescendentes alcança alarmantes 23,3%. Constatase uma lacuna educacional marcante, evidenciada pelo fato de que apenas 47% dos afrodescendentes de 25 anos ou mais concluíram ao menos o ensino médio, em comparação com 60,7% da população branca. A discrepância persiste entre os jovens de 18 a 24 anos, onde apenas 26,2% dos afrodescendentes estão matriculados em instituições educacionais, em contraste com 36,7% dos brancos. O acesso desigual ao ensino superior é igualmente perceptível, com apenas 15,3% dos afrodescendentes nessa faixa etária cursando graduação, em comparação com 29,2% dos brancos. O impacto da falta de acesso à educação é ainda mais patente, com 70,9% dos afrodescendentes nesta faixa etária sem acesso ao ensino superior ou em processo de abandono, em comparação com 57,3% dos brancos.

A interrupção da educação entre os jovens de 14 a 29 anos, com 18,3% não concluindo o ensino médio, revela uma realidade preocupante. A principal justificativa para esse abandono é a necessidade de trabalho, citada por 40,2% desse grupo demográfico. Em suma, a persistência das desigualdades educacionais evidencia a necessidade premente de políticas inclusivas e antirracistas para enfrentar esse desafio estrutural. Autores como Florestan Fernandes, em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (2008), e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, em *Racismo e Anti-racismo no Brasil* (2005), analisam criticamente a questão racial no país, demonstrando a urgência de políticas públicas efetivas para promover a igualdade e inclusão dos negros.

[...] Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o estado, a igreja ou outra qualquer instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objetivo prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. O liberto se viu convertido sumário e abruptamente, em senhor de si mesmo, tornando-se responsável por sua pessoa e por seus dependentes, embora não dispusesse de meios materiais e morais para realizar essa proeza nos quadros de uma economia competitiva[...] (Fernandes, 2008, p. 29).

Em sua análise sobre a condição dos libertos pós-abolição no Brasil, Fernandes (2008) destaca a falta de preparação e suporte para a integração desses indivíduos como cidadãos livres. A abolição de 1888, ao liberar os antigos senhores de suas responsabilidades, deixou os ex-escravizados em uma transição abrupta

para a liberdade, sem apoio adequado. Essa lacuna na implementação de um plano estruturado para garantir uma transição efetiva dos direitos para a liberdade teve implicações significativas para a educação da população negra, a equidade racial e o acesso à educação. A ausência de apoio institucional adequado à integração dos negros tem sido um elemento crucial na perpetuação da exclusão educacional e social desses grupos ao longo da história brasileira. Tanto antes quanto depois da abolição da escravatura, as restrições legislativas e a discriminação racial nas escolas funcionaram como barreiras significativas ao acesso dos negros à educação formal. Esta realidade é destacada na obra *História da educação do negro e outras histórias* (2005), que ressalta:

A problemática da carência de abordagens históricas sobre as trajetórias educacionais dos negros no Brasil revela que não são os povos que não têm história, mas há os povos cujas fontes históricas, ao invés de serem conservadas, foram destruídas nos processos de dominação (Romão, 2005, p. 23).

Embora os povos negros tenham uma rica e significativa história educacional, essa história muitas vezes não foi documentada ou valorizada devido a sistemas de poder que suprimiram suas vozes e experiências. Em muitos casos, as fontes históricas que poderiam fornecer percepções sobre as trajetórias educacionais dos negros foram deliberadamente destruídas ou negligenciadas, como parte de um processo de marginalização e desvalorização das culturas e contribuições negras, a falta de recursos econômicos e apoio institucional adequado dificultou sua participação plena na sociedade. No entanto, iniciativas de resistência, como a criação de escolas pela Frente Negra Brasileira⁵, ressaltaram a importância de valorizar a identidade negra, evidenciando a necessidade urgente de políticas inclusivas e suporte institucional para garantir uma educação equitativa e oportunidades iguais para todos. Esses desafios refletem a persistência de desigualdades e injustiças raciais ao longo da história do Brasil.

Na Semana da Consciência Negra, buscamos transcender a obrigação curricular e promover uma educação que celebra a diversidade étnico-racial, enfrentando o racismo estrutural. Adotamos metodologias ativas e interativas,

⁵ Fundada em 16 de setembro de 1931, a Frente Negra Brasileira foi o maior e mais abrangente grupo de defesa dos direitos dos negros em São Paulo. Além disso, sua influência se estendeu para outros estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco.

fundamentadas na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1974) e nas reflexões de Kabengele Munanga (2005), para estimular um aprendizado significativo e transformador. Ao proporcionar espaços de diálogo, reflexão e ação, durante a residência pedagógica, realizamos debates e rodas de conversa regulares, proporcionando espaços seguros para os alunos do ensino fundamental do 9º ano compartilharem suas perspectivas, dúvidas e experiências relacionadas ao tema do racismo e da diversidade étnico-racial. Essas atividades incentivaram a reflexão crítica e promoveram uma troca de ideias enriquecedora entre os alunos. Ao mesmo tempo, as oficinas de conscientização e desconstrução do racismo proporcionaram oportunidades para os alunos explorarem de maneira mais profunda as questões étnico-raciais, desafiando seus próprios preconceitos e fornecendo ferramentas para reconhecer e combater o racismo em suas vidas cotidianas.

Com cada uma dessas atividades, buscamos não apenas transmitir conhecimento histórico, assim como desenvolver a consciência crítica dos alunos sobre as injustiças sociais, incluindo o racismo. Nossa abordagem visava promover uma imersão profunda e significativa nessa temática, capacitando os alunos a serem agentes ativos na construção de uma sociedade com igualdade de oportunidade. Portanto, as discussões e rodas de conversa, juntamente com as oficinas de conscientização, foram elementos-chave dessa imersão, fornecendo aos alunos oportunidades práticas para refletir, debater e agir contra o racismo e outras formas de injustiça social. Essas atividades integradas fortaleceram ainda mais o compromisso dos alunos com a promoção de oportunidades e recursos, capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

4. ATIVIDADES PARA A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Durante a Semana da Consciência Negra, realizada em novembro de 2023, as ações pedagógicas desenvolvidas na escola buscaram ir além da mera comemoração simbólica. Elas foram orientadas por fundamentos teóricos consistentes e pela necessidade de uma prática educativa que estimulasse a reflexão crítica sobre a história, a identidade e as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes. Inspiradas em uma perspectiva freiriana de educação libertadora, as atividades foram pensadas como processos dialógicos, nos quais o conhecimento é construído a partir da escuta, da vivência e da valorização dos saberes dos próprios alunos. A educação, nesses termos, deve ser compreendida como prática transformadora, comprometida com a leitura crítica da realidade e com a emancipação dos sujeitos historicamente marginalizados. As palestras promovidas ao longo da semana ofereceram um aporte teórico robusto e foram atravessadas por experiências concretas, ampliando a compreensão dos estudantes sobre os mecanismos de exclusão racial. Além de abordarem o racismo e a desigualdade social, essas intervenções evidenciaram o protagonismo dos negros na construção da sociedade brasileira, tanto em termos culturais quanto políticos. A obra de Sueli Carneiro (2011) é fundamental nesse contexto, ao apontar que o enfrentamento do racismo deve se dar tanto nas estruturas institucionais quanto nos discursos e valores que moldam a percepção social. Para Carneiro, a educação é uma via imprescindível para romper com as lógicas de subalternização e promover a equidade racial.

No campo da literatura e da memória, as contribuições de Conceição Evaristo (2003) também foram importantes para inspirar as atividades. Sua escrita propõe uma ruptura com as narrativas oficiais ao colocar a experiência da mulher negra como central na produção de conhecimento e identidade. A valorização das narrativas afro-brasileiras, dos afetos, da ancestralidade e das resistências que atravessam o cotidiano foram elementos que nortearam as oficinas, rodas de leitura e vivências artísticas promovidas com os estudantes. Como destaca a própria autora, a literatura é instrumento de afirmação política e resgate da memória coletiva do povo negro.

Figura 04 - Apresentação dos alunos durante o mês da Consciência Negra.



Fonte: Acervo Pessoal

As rodas de conversa foram outro componente essencial da programação. A escuta atenta às vivências dos alunos permitiu que emergissem relatos de discriminação, orgulho étnico-racial e resistência cotidiana, revelando a importância de espaços pedagógicos que acolham as subjetividades negras. Esse processo está em consonância com os escritos de Frantz Fanon (2008), ao analisar como o racismo afeta profundamente a formação da subjetividade do negro, gerando sentimentos de inferioridade e provocando uma busca por aceitação nos padrões brancos. A construção da identidade negra, nesse sentido, exige o reconhecimento desses mecanismos de alienação e o fortalecimento de uma consciência crítica capaz de romper com as “máscaras” impostas socialmente. A educação, nesse contexto, assume um papel essencial na reconstrução da autoestima e na valorização das raízes afrodescendentes.

torna-se meio para a conscientização e para a reorganização subjetiva dos sujeitos negros frente à sociedade.

Figura 05 - Diálogo com os adolescentes sobre preconceito e discriminação.



Fonte: Acervo Pessoal

As exposições culturais que integraram a semana foram construídas com o objetivo de reafirmar a riqueza estética, simbólica e histórica da cultura afrodescendente. Através da música, da dança, do artesanato e da arte visual, os estudantes foram incentivados a reconhecer suas raízes e a se enxergar como parte de uma tradição cultural potente. Tais iniciativas colaboraram para o fortalecimento da autoestima dos alunos negros, ressignificando sua presença nos espaços escolares.

A perspectiva de Abdias do Nascimento (1980), em sua formulação do quilombismo, também iluminou as práticas realizadas. Para o autor, o quilombismo é um projeto político, ético e cultural de resistência e reconstrução das identidades negras a partir da valorização da ancestralidade e da solidariedade coletiva. As ações desenvolvidas, nesse espírito, buscaram fomentar a consciência de pertencimento, o orgulho racial e o engajamento dos estudantes na luta contra as formas de silenciamento e exclusão.

Em síntese, as atividades da Semana da Consciência Negra constituíram um esforço pedagógico de enfrentamento ao racismo e de promoção da valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, reafirmando a centralidade da educação na construção de uma sociedade democrática, plural e justa. A escola, nesse processo, assumiu seu papel político como espaço de formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e de seu potencial transformador.

Figura 06 - Exposições de artefatos culturais afrodescendentes.



Fonte: Acervo Pessoal

5. RELATO DETALHADO DAS ATIVIDADES E SEU DESENVOLVIMENTO

Durante os 18 meses de atuação no âmbito da residência pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira, localizada no quilombo urbano da Liberdade, desenvolvemos um conjunto de ações voltadas à valorização da identidade negra, à promoção da equidade racial e à construção de uma prática pedagógica efetivamente antirracista. As atividades, concebidas de maneira participativa e crítica, buscaram dar visibilidade às epistemologias negras, promover o reconhecimento das raízes africanas na formação do Brasil e combater o racismo estrutural presente no cotidiano escolar.

Uma das experiências mais emblemáticas desse percurso foi a criação da biblioteca antirracista da escola, fruto da articulação entre a gestão escolar, professores da área de Ciências Humanas e residentes da LIESAFRO (Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros). Esse espaço não apenas ampliou o acesso dos alunos a uma literatura que os representa, de igual modo se consolidou como ambiente de resistência simbólica e afirmação da memória coletiva do povo negro. Inspirada na perspectiva de Conceição Evaristo (2003), a biblioteca tornou-se um território de "escrevivências", onde as narrativas negras não são objetos de estudo exotizado, mas vozes políticas e legítimas da história brasileira. Como a autora salienta, "a escrita das mulheres negras é um modo de resgatar a memória e de se afirmar como sujeito político" (EVARISTO, 2003, p. 98). Ainda no início das atividades, em 3 de abril de 2023, ao ingressarem no ambiente escolar, os residentes depararam-se com um espaço desprovido de marcas culturais quilombolas. As paredes brancas e a ausência de elementos identitários evocavam mais um equipamento de saúde do que um território de conhecimento e ancestralidade. Esta ausência simbólica da africanidade nos espaços escolares constitui, conforme Sueli Carneiro (2011), uma das formas mais sofisticadas de racismo: o epistemicídio, ou seja, a negação do saber negro e de sua centralidade na produção do conhecimento.

Os residentes propuseram à coordenação escolar a realização de uma intervenção estética e simbólica: a ambientação das salas de aula com representações de personalidades negras históricas e contemporâneas, bem como a presença de símbolos da cultura afro-brasileira e africana. A proposta foi acolhida

com entusiasmo pela comunidade escolar, resultando na criação de murais, painéis e exposições visuais que celebraram figuras como Dandara dos Palmares, Zumbi, Maria Aragão, Luiz Gama, Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus. O objetivo central foi promover uma identificação positiva dos estudantes com suas raízes afro-brasileiras, enfrentando os estigmas historicamente associados à negritude. O pensamento de Frantz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*, mostra que o racismo internalizado não é apenas uma rejeição superficial da identidade negra, mas um processo profundo de fragmentação subjetiva, em que o sujeito é levado a desvalorizar sua cultura e corpo em função de um ideal branco hegemônico, gerando alienação e autonegação. Para superar essa complexa dinâmica, Abdias do Nascimento (1980), em *O genocídio do negro brasileiro*, destaca a importância da valorização da cultura afro-brasileira como ato político e pedagógico essencial para resistir ao apagamento estrutural e simbólico. Nesse cenário, a educação assume um papel decisivo, conforme reforça Paulo Freire (2024), para quem o processo educativo é inerentemente libertador e transformador, um espaço de diálogo crítico onde a consciência histórica e cultural dos oprimidos pode emergir e se fortalecer, possibilitando que eles se reconheçam como protagonistas de sua própria história. Assim, a escola quilombola torna-se um território de resistência e reconstrução identitária, onde práticas pedagógicas valorizam a negritude, desafiam o racismo institucionalizado e fomentam a emancipação dos sujeitos.

As ações desenvolvidas também dialogam com o pensamento de Abdias do Nascimento (1980), especialmente sua concepção de quilombismo como projeto político-pedagógico. Para Nascimento, a escola quilombola deve ser espaço de valorização da ancestralidade africana e da construção coletiva da dignidade negra, rompendo com os modelos assimilacionistas da educação ocidental. Nesse sentido, as atividades da residência não apenas promoveram a diversidade cultural, mas reafirmaram o papel da escola como espaço de resistência frente às lógicas de exclusão, apagamento e marginalização. A perspectiva crítica de Paulo Freire (1974) também foi essencial na condução das práticas educativas. Ao compreender a educação como prática da liberdade, Freire ressalta a importância do diálogo e da escuta como fundamentos da formação cidadã. As ações realizadas durante a residência não foram impostas, mas construídas em conjunto com a comunidade escolar, respeitando sua autonomia e saberes. A proposta de decorar os espaços com referências negras não buscava apenas “embelezar” a escola, mas, sobretudo,

ressignificá-la como um território de reconhecimento étnico e de protagonismo estudantil.

As teorizações de Silvio Almeida (2019) nos ajudaram a compreender como o racismo estrutural opera para perpetuar a invisibilidade social dos sujeitos negros, mesmo em espaços como a escola pública. Como ele afirma, "o racismo no Brasil não é um fenômeno pontual ou uma questão apenas de atitudes individuais, mas sim um sistema estruturante de relações sociais que perpetuam a exclusão e a desigualdade" (ALMEIDA, 2019, p. 45). O enfrentamento dessa invisibilidade, portanto, exige mais do que discursos: demanda práticas pedagógicas concretas e contínuas, que tornem visível o que historicamente foi silenciado.

A experiência vivenciada na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira configura-se como uma referência concreta de educação antirracista, comprometida com a construção de um projeto educacional mais justo, inclusivo e plural. As ações não apenas impactaram o cotidiano escolar, adicionalmente fortaleceram os vínculos identitários dos alunos e ampliaram o horizonte crítico da comunidade, revelando o papel estratégico da escola quilombola na luta por igualdade racial no Brasil.

Figura 07 - Sugestão implementada: Apresentação das salas de aula após a intervenção.



Fonte:Acervo Pessoal

À medida que o programa de residência se aproximava do fim, tornou-se evidente uma notável mudança na escola. A presença de trabalhos voltados para a cultura africana e personalidades negras, incorporados tanto ao currículo quanto ao ambiente físico da escola, refletiu o compromisso contínuo com a promoção da diversidade e a valorização das contribuições dos afrodescendentes para a sociedade brasileira. Essa transformação não apenas enriqueceu a experiência educacional dos alunos, de modo correlato fortaleceu o papel da escola como um espaço inclusivo e representativo da pluralidade cultural do Brasil. A apropriação crítica dos conteúdos étnico-raciais pelos alunos foi um dos maiores indicadores do sucesso das ações. Estudantes passaram a reconhecer-se como sujeitos históricos e culturais, com orgulho de sua identidade racial e de sua herança africana. Esse processo de reconhecimento é também um processo de politização, pois, como lembra Lélia Gonzalez (1982), a negação do negro é um dos pilares do racismo à brasileira, cuja superação exige tanto consciência crítica quanto rearticulação simbólica. Nesse sentido, o espaço escolar tornou-se um campo de disputa e afirmação identitária.

A consolidação de práticas pedagógicas antirracistas não ocorreu de forma isolada, mas foi resultado de uma atuação coletiva que envolveu docentes, discentes, residentes, gestores e a própria comunidade quilombola. O currículo foi tensionado e ressignificado, com inclusão de temáticas como resistência negra, religiosidade afro-brasileira, epistemologias africanas e literatura afrodescendente. Oficinas, feiras culturais, rodas de conversa e exposições permanentes passaram a integrar o cotidiano escolar, não como eventos pontuais, mas como parte orgânica do projeto político-pedagógico da instituição.

Importa destacar que essa reconfiguração curricular e simbólica não apenas cumpre os preceitos da Lei nº 10.639/2003, mas os ultrapassa, ao promover uma abordagem interseccional e situada da educação. Como argumenta Kabengele Munanga (2005), o enfrentamento do racismo exige mais do que “incluir o negro no currículo”; requer a desconstrução de paradigmas eurocêntricos e a inserção de outras matrizes civilizatórias como componentes legítimos do saber escolar. Foi

exatamente esse movimento de ruptura e reconstrução que orientou a trajetória da residência pedagógica nesta escola quilombola. Em sua totalidade, o percurso formativo na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira constituiu-se como um exemplo concreto da articulação entre teoria e prática na formação docente comprometida com a justiça social. A formação de professores, nesse contexto, deixou de ser um processo neutro e técnico, passando a ser um exercício político de comprometimento com as lutas históricas da população negra brasileira. A escola, como território de saber e afeto, reafirmou seu papel como quilombo contemporâneo, conforme os ensinamentos de Nascimento, um espaço de resistência, proteção da memória e projeção de futuros possíveis.

Ao fim do programa, o legado construído permaneceu. A biblioteca antirracista seguiu em pleno funcionamento; os murais e intervenções visuais continuaram inspirando novas gerações de alunos; e as práticas pedagógicas fundadas na valorização da ancestralidade negra mantiveram-se como diretrizes para o planejamento escolar. Essa experiência nos mostra que, quando a educação é pautada no respeito à diversidade e no enfrentamento das desigualdades, ela é capaz de transformar sujeitos, instituições e comunidades inteiras.

Figura 08 - Aplicações de regências.



Fonte: Acervo Pessoal

Nosso esforço não se restringiu à aquisição de materiais pedagógicos, mas envolveu também a valorização da formação docente. Foram obtidos mais de 30 exemplares do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e

Cultura Afro-Brasileira e Africana, fornecendo um recurso valioso e tangível para cada professor da instituição. Essa iniciativa visava não apenas informar, mas também capacitar os educadores, oferecendo ferramentas e orientações práticas para promover a diversidade e combater o preconceito em sala de aula. Outro ponto de destaque foi a realização das regências, que se mostraram experiências extremamente enriquecedoras. Mesmo diante de desafios como a escassez de recursos e infraestrutura, conseguimos, com esforço e criatividade, desenvolver aulas significativas. Em muitas dessas regências, buscamos incorporar conteúdos voltados à cultura e à diáspora africana, dando visibilidade a narrativas historicamente marginalizadas e contribuindo para a formação crítica dos alunos. Essas práticas revelaram o potencial transformador da educação quando comprometida com a valorização das identidades negras e o enfrentamento das desigualdades raciais no cotidiano escolar. A aplicação dos “Indicadores de Qualidade da Educação: relações raciais na escola”, conforme estabelecido pela Lei nº 10.639/03, foi uma prioridade fundamental em todas as atividades desenvolvidas ao longo da residência pedagógica na Escola Quilombola Centro Educa Mais Professor Luiz Alves Ferreira. Essa abordagem envolveu uma revisão detalhada e adaptação do currículo escolar, com o objetivo de integrar conteúdos pertinentes à história e à cultura afro-brasileira em diversas disciplinas como está exposto abaixo, além disso, foi essencial a implementação de práticas pedagógicas⁶ específicas que visavam não apenas promover a igualdade racial, bem como combater o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Alguns exemplos dessas práticas pedagógicas para alunos do 9º ano, com o objetivo de promover a igualdade racial e combater o racismo estrutural:

- Estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena: Foram implementadas atividades que envolvessem pesquisas sobre personalidades importantes da história afro-brasileira e indígena, como Zumbi dos Palmares, Dandara, Chico Rei, entre outros. Os alunos realizaram apresentações ou projetos de pesquisa sobre essas figuras e seu impacto na história do Brasil.

⁶ Práticas pedagógicas são as formas como os educadores e as educadoras organizam e desenvolvem as atividades destinadas a promover a aprendizagem de crianças, jovens e adultos.

- Análise Crítica de Mídias e Textos: foi realizada, oferecendo aos alunos a oportunidade de analisar criticamente mídias e textos que reproduzem estereótipos raciais ou perpetuam o racismo estrutural. Esta abordagem foi conduzida por meio de debates em sala de aula, nos quais os alunos discutiram e identificaram preconceitos presentes em propagandas, programas de TV, músicas, filmes ou livros.
- Leitura de Literatura Afro-brasileira e Indígena: Incorporamos obras de literatura afro-brasileira e indígena no currículo, oferecendo aos alunos a oportunidade de explorar diferentes perspectivas culturais e étnicas. Após a leitura, os alunos puderam participar de discussões em grupo sobre os temas abordados nos livros e como se relacionam com questões contemporâneas de igualdade racial.
- Realização de Atividades Artísticas: O objetivo foi promover atividades artísticas que valorizassem a cultura afro-brasileira e indígena, como a produção de música, dança, pintura ou escultura inspiradas nas tradições desses grupos étnicos. Os alunos trabalharam em projetos colaborativos destacando a diversidade cultural do Brasil e sua importância na construção da identidade nacional.
- Visitantes e Palestrantes Convidados: Foram convidadas pessoas da comunidade local, como representantes de comunidades quilombolas, líderes religiosos ou ativistas antirracismo, para compartilhar suas experiências e conhecimentos com os alunos. Isso pode oferecer uma perspectiva mais autêntica e pessoal sobre as questões raciais e étnicas no Brasil.

Essas são apenas algumas sugestões de práticas pedagógicas que foram aplicadas para alunos do 9^a ano, e continuam sendo aplicadas em sala de aula para alunos do ensino médio, com o intuito de promover a igualdade racial e combater o racismo estrutural. O importante é criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e respeitoso, onde os alunos sintam-se valorizados e capacitados para contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Paralelamente, promovemos debates com a participação de convidados especiais, psicólogos, pedagogos, médicos, estudantes de medicina e

representantes da comunidade afrodescendente do quilombo onde está situada a escola. Esses encontros proporcionaram aos alunos uma oportunidade única de interagir com indivíduos de diferentes origens culturais, ampliando sua compreensão sobre questões raciais e étnicas.

Esses debates representaram momentos cruciais para promover a conscientização e o diálogo sobre temas sensíveis, incentivando os alunos a refletirem criticamente sobre suas próprias vivências e perspectivas. Um dos pontos altos dessas iniciativas foi a organização de debates, nos quais convidados especiais foram convocados a compartilhar suas experiências e perspectivas únicas. Um desses notáveis convidados foi o renomado coreógrafo Joseph Osei, de Gana⁷, cuja presença despertou grande curiosidade entre os alunos. Muitos questionaram sobre sua origem, sua motivação para estar no Brasil e até mesmo sobre a situação de seu país de origem. Com serenidade e eloquência, Joseph cativou a audiência ao explicar que, embora tenha raízes africanas, seu país não é representativo de toda a África, mas sim de uma nação específica dentro deste vasto continente. Ele enfatizou a diversidade e riqueza cultural presente em cada país africano, desmistificando estereótipos e mostrando que a África é muito mais do que as narrativas simplistas frequentemente apresentadas na mídia. Sua mensagem foi clara: a África é um continente de contrastes e complexidades, onde existem não apenas desafios, progresso, desenvolvimento e uma rica diversidade cultural. Joseph compartilhou sua jornada pessoal de vir ao Brasil para estudar e enfatizou a importância da educação como um meio de transcender fronteiras e expandir horizontes.

Esses debates não apenas forneceram uma plataforma para o compartilhamento de perspectivas diversas, de modo que incentivaram os alunos a questionar preconceitos arraigados e a ampliar sua compreensão sobre questões raciais e étnicas. O diálogo franco e aberto promovido por esses encontros estimulou a reflexão crítica e o desenvolvimento do pensamento independente entre

⁷ Joseph Osei é professor de inglês e dança africana oriundo de Gana, escolheu São Luís como seu lar há sete anos. Fluente em inglês, português e seu idioma local, ele traz uma rica diversidade cultural para suas aulas. Com formação na Universidade Federal do Maranhão, Joseph cativa seus alunos não apenas com sua expertise linguística, mas também com sua paixão pela dança e seu compromisso com a inclusão e diversidade. Sua energia contagiante e habilidades pedagógicas o tornam um membro valioso da comunidade educacional na capital maranhense.

Figura 09 - Professor e dançarino de Gana - AF.



Fonte: Acervo Pessoal

6. BIBLIOTECA ANTIRRACISTA EM TERRITÓRIO QUILOMBOLA: FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E COMPROMISSO SOCIAL

A criação de uma biblioteca antirracista em uma escola quilombola situada no território urbano da Liberdade, em São Luís (MA), representou uma das mais significativas realizações do programa de residência pedagógica desenvolvido por licenciandos da LIESAFRO – Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros. Essa iniciativa não se limitou à organização de um acervo físico, mas se consolidou como um marco simbólico e material do compromisso com a equidade racial, a valorização da diversidade e a transformação das práticas escolares.

Em parceria com a LIESAFRO, foram adquiridas mais de 60 obras literárias e didáticas cuidadosamente selecionadas por sua relevância no combate ao racismo e na valorização das identidades negras. O acervo contempla gêneros diversos – contos, ensaios, estudos históricos e produções contemporâneas – e inclui títulos como *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, que traz à tona a vivência de mulheres negras no Brasil, *Frechal: Quilombo Pioneiro no Brasil*, de Christine Leidgens, que resgata a história de resistência dos quilombolas maranhenses, *O Perigo de uma Única História*, de Chimamanda Adichie, e *Ani: Todos Felas do Mundo*, de Nelson Maca, que articula educação, identidade negra e cultura urbana.

Mais do que reunir livros, a biblioteca visa fomentar uma prática pedagógica antirracista. Para tanto, os residentes também distribuíram mais de 30 exemplares do *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, garantindo que cada educador da escola tivesse em mãos um instrumento formativo e orientador de sua prática. Esse gesto fortaleceu a dimensão política da iniciativa: dotar os professores de subsídios concretos para promover a igualdade racial no cotidiano da sala de aula.

A proposta formativa inspirou-se nos princípios da pedagogia crítica freireana, que defende a educação como prática de liberdade e emancipação dos oprimidos. Ao criar espaços de escuta e troca de saberes, o projeto dialogou diretamente com a concepção de Paulo Freire (1974), segundo a qual os sujeitos são chamados a refletir criticamente sobre sua realidade e a transformá-la por meio do conhecimento.

A inauguração oficial da biblioteca contou com a presença de Felipe Camarão, então Secretário de Estado da Educação e Vice-Governador do Maranhão. Sua participação conferiu reconhecimento institucional ao projeto e evidenciou o alinhamento entre políticas públicas e ações escolares voltadas à superação do racismo estrutural. A presença do poder público reafirmou a centralidade da educação como eixo de inclusão social e reparação histórica.

A biblioteca antirracista passou a funcionar como instrumento de resistência simbólica e cognitiva, ao atuar contra os efeitos psicológicos e epistemológicos do colonialismo. Conforme analisado por Frantz Fanon (2008), a dominação colonial não se limitou à opressão física, mas estendeu-se à construção de um imaginário no qual o colonizado era desprovido de cultura, razão e historicidade. A criação dessa biblioteca, portanto, constitui uma ação concreta de reapropriação do direito à palavra, à memória e à produção de saberes. Ao reunir obras que valorizam a cultura negra e afro-brasileira, ela contribui para descolonizar o espaço escolar e reparar, ainda que simbolicamente, os processos de alienação identitária e exclusão intelectual impostos às populações negras. Paralelamente, organizamos debates com convidados especiais, como o coreógrafo ganês Joseph Osei e representantes do quilombo local, que dialogaram com os estudantes sobre questões raciais, saúde da mulher negra e experiências internacionais. Tais encontros estimularam reflexões críticas e valorizaram a diversidade cultural, ampliando os horizontes da comunidade escolar.

Durante a Semana da Consciência Negra, a biblioteca ganhou ainda mais visibilidade ao integrar as ações pedagógicas com exposições de trabalhos sobre religiosidade afro-brasileira, identidades negras e resistência cultural. Os alunos do 9º ano e do ensino médio demonstraram elevado engajamento, não apenas como receptores de conteúdo, mas como sujeitos críticos capazes de refletir sobre suas próprias vivências e posicionamentos sociais.

Essas experiências foram fundamentais para consolidar a biblioteca como um espaço de construção coletiva do saber e de fortalecimento identitário, deixando um legado duradouro de inclusão, empoderamento e justiça racial. Sua inauguração, retratada na Figura 11, foi celebrada como conquista comunitária e um dos principais legados da residência pedagógica. Na imagem superior, o professor Lúcio (preceptor

dos residentes) posa com alunos caracterizados como personalidades negras que marcaram a história brasileira, como Maria Firmina dos Reis, Maria Aragão, Carolina Maria de Jesus e José do Patrocínio. Na imagem inferior à esquerda, o Secretário Municipal de Educação aparece com seus assessores, gestores da escola e Marcelo Pagliosa (coordenador da residência pedagógica), durante o evento oficial de inauguração. Na imagem inferior à direita, os residentes pedagógicos estão acompanhados do professor Marcelo Pagliosa.

Inspirada nos fundamentos do quilombismo, conforme propõe Abdias do Nascimento (1980), a biblioteca também se insere como um projeto político-pedagógico de resistência, ancorado na ancestralidade, na coletividade e no direito à autodeterminação cultural. Sua função transcende a mera organização de livros: trata-se de uma tecnologia social quilombola que integra o saber, território e identidade.

Figura 10- Amostra dos livros da biblioteca antirracista.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 11 - Alunos, Residentes, Preceptor, Gestores da escola e coordenador da residência na inauguração da biblioteca antirracista.



Fonte: Acervo Pessoal

Em última análise, os debates organizados durante a residência pedagógica na escola quilombola não apenas enriqueceram o currículo escolar, do mesmo modo deixaram um impacto duradouro nas mentes e nos corações dos alunos, inspirando-os a abraçar a diversidade e a lutar contra todas as formas de discriminação e injustiça.

7. APLICAÇÃO DOS INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

Compreendendo a importância do desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas e equânimes para a construção de uma sociedade mais justa e diversificada, optou-se por utilizar a avaliação por indicadores de qualidade como uma ferramenta estratégica para orientar as ações da comunidade escolar. Essa abordagem forneceu informações valiosas e direcionou esforços concretos na promoção da igualdade racial dentro do ambiente educacional quilombola. A metodologia adotada para avaliar os indicadores de qualidade na educação, com foco nas relações raciais, foi abrangente e participativa. O público-alvo incluiu alunos do 9º ano e do ensino médio, além de profissionais da educação, equipe gestora e funcionários da escola. Para isso, utilizou-se um questionário estruturado, composto por escalas de avaliação e perguntas formuladas com base nos indicadores da qualidade na educação com enfoque nas relações raciais na escola.

As categorias abordadas pelos indicadores refletiram aspectos cruciais da vivência escolar, incluindo as interações entre os alunos, as percepções dos profissionais da educação, as práticas de gestão e as experiências dos demais trabalhadores e trabalhadoras da escola. Todo o processo avaliativo foi conduzido de maneira participativa, incentivando a escuta ativa e a honestidade nas respostas, de modo a garantir que a avaliação refletisse fielmente a realidade escolar.

Os Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola (2013) são instrumentos fundamentais para identificar elementos importantes da realidade escolar, possibilitando uma análise objetiva do desempenho da instituição. Da mesma forma que usamos indicadores de saúde para medir o bem-estar de uma pessoa ou indicadores econômicos para avaliar a saúde financeira de um país, os indicadores educacionais permitem uma avaliação detalhada e precisa do ambiente escolar.

Nessa conjuntura, os residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP) desempenharam um papel fundamental na aplicação desses indicadores na Escola Professor Luiz Alves Ferreira. Inspirados na obra de Carreira e Souza (2013):

"Mas, com um olhar e ouvidos mais atentos, percebemos que atrás desse consenso há diferentes perspectivas e entendimentos do que é qualidade educacional e de quais são os caminhos para alcançá-la. A discussão a respeito desse assunto é fundamental para entendermos qual a relação entre qualidade educacional, direito humano à educação e relações raciais" (2013, p. 14).

Denise Carreira, uma educadora brasileira com vasta experiência na promoção da qualidade educacional e na defesa dos direitos humanos, tem se destacado ao longo de sua carreira pelo compromisso com a igualdade de gênero e racial. Com mestrado e doutorado em educação pela Universidade de São Paulo (USP), Denise consolidou sua expertise acadêmica nessa área. Como coordenadora institucional da Ação Educativa e professora de política educacional na Faculdade de Educação da USP, ela demonstra um firme compromisso com a melhoria do sistema educacional brasileiro, especialmente no que se refere à inclusão, diversidade e equidade. Sua liderança e engajamento são evidenciados por sua participação em diversas iniciativas e projetos relevantes. Um exemplo marcante é a coordenação dos "Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola", uma colaboração entre Ação Educativa, Unicef, Ministério da Educação e Seppir. Este projeto, concebido sob sua coordenação, visa combater o racismo e promover a igualdade racial no ambiente escolar, demonstrando sua habilidade em articular esforços interinstitucionais em prol de objetivos sociais significativos.

Em outras palavras, a aplicação desses indicadores foi realizada pelos residentes, que foram divididos em grupos para aplicar as 53 perguntas da Dimensão 1 - *Atitudes e Relacionamentos*. Essa dimensão aborda relacionamentos e atitudes, introduzindo e concretizando, por meio de perguntas aos participantes, o que significa abordar as relações raciais no cotidiano escolar em seus diferentes aspectos.

As perguntas exercidas foram as seguintes:

Quadro 01 – Dimensão 1: Atitudes e Relacionamentos - Indicadores de qualidade na educação

Nº	Indicadores
1	Intervenção Imediata contra Xingamentos e Discriminação
2	Quebra de Silêncio e Mudança de Olhares para Desnaturalizar o Racismo
3	Distribuição de Afeto e Fortalecimento de Relações

4	Reconhecimento do Corpo e da Estética Negra
5	Abordagem da Indisciplina sem Exclusão
6	Construção Positiva do Pertencimento Racial
7	Valorização de Meninas e Mulheres Negras
8	Democratização do Acesso aos Lugares de Poder
9	Superação da Intolerância Religiosa e Educação Laica

Fonte: Elaborado a partir das perguntas referentes aos indicadores da qualidade na educação da Dimensão 1.

O quadro de avaliação proposto, elaborado a partir dessa experiência na residência pedagógica, estabelece padrões claros para categorias como *Bom*, *Regular* e *Ruim* utilizando uma escala de 1 a 3. Essa abordagem permite uma análise detalhada dos indicadores de qualidade, levando em conta a relevância de cada aspecto relacionado às relações raciais na escola. Esse quadro não é apenas teórico; é fruto da vivência prática e da aplicação direta durante a residência pedagógica, proporcionando uma compreensão aprofundada dos desafios e oportunidades nas relações raciais na educação.

Quadro 02 – Quadro de Avaliação na Residência Pedagógica: Padrões claros de Bom, Regular e Ruim

Classificação	Valor Numérico	Critério
Bom	3	> 2,5
Regular	2	2≤x<2,5
Ruim	1	<2

Fonte: elaborado a partir dos padrões da avaliação na residência pedagógica.

Quadro 03 – Resultados da Avaliação de Indicadores de Qualidade nas Relações Raciais na Escola

Nº	Indicador	Média	Classificação
1	Intervenção Imediata contra Xingamentos e Discriminação	2	Regular
2	Quebra de Silêncio e Desnaturalização do Racismo	1,8	Ruim
3	Distribuição de Afeto e Fortalecimento de Relações	1,8	Ruim
4	Reconhecimento do Corpo e da Estética Negra	2	Regular

5	Abordagem da Indisciplina sem Exclusão	2,2	Regular
6	Construção Positiva do Pertencimento Racial	2,2	Regular
7	Valorização de Meninas e Mulheres Negras	2,6	Bom
8	Democratização do Acesso aos Lugares de Poder	2,6	Bom
9	Superação da Intolerância Religiosa e Educação Laica	2,2	Regular

Fonte: Elaborado a partir dos resultados coletados nas entrevistas com estudantes do 9º ano do ensino fundamental e ensino médio e com os funcionários do colégio.

A avaliação dos indicadores de qualidade nas relações raciais, no contexto da escola do maior quilombo urbano da América Latina, instigou a reflexão sobre desafios complexos enfrentados pela comunidade educacional na promoção da igualdade racial. Os resultados obtidos no colégio, inseridos nesse cenário singular, delineiam uma realidade multifacetada que demanda consideração cuidadosa. Os indicadores relacionados à construção positiva do pertencimento racial e à superação da intolerância religiosa revelaram médias classificadas como "Regular" (2,2). Isso aponta para desafios específicos na consolidação da identidade racial e religiosa dos estudantes, destacando a necessidade de abordagens mais assertivas para fortalecer esses aspectos, sobretudo em um ambiente culturalmente diversificado.

A categoria de distribuição de afeto e fortalecimento de relações obteve uma média classificada como "Ruim" (1,8). Esse resultado evidencia a urgência de criar um ambiente escolar mais acolhedor, no qual as relações interpessoais sejam fortalecidas. Isso ressalta a importância de considerar as particularidades de uma comunidade quilombola, onde a construção de laços afetivos é essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes.

A valorização de meninas e mulheres negras registrou uma média classificada como "Bom" (2,6), indicando êxito na promoção de igualdade de gênero e racial. Este dado encorajador destaca a importância de continuar e ampliar práticas que reconheçam a diversidade de experiências dentro da comunidade, promovendo assim uma atmosfera de respeito e reconhecimento. Os indicadores relacionados à democratização do acesso aos lugares de poder obtiveram médias classificadas como "Bom" (2,6). Este resultado positivo sugere avanços na promoção da equidade, indicando que a comunidade está proporcionando

oportunidades iguais para todos os estudantes. Isso ressalta a importância da inclusão em processos decisórios e estratégicos dentro da instituição.

A aplicação dos indicadores de qualidade nas relações raciais em uma escola localizada dentro do maior quilombo urbano da América Latina destaca não apenas desafios contemporâneos, mas também remete a um contexto histórico de discriminação e marginalização. No momento da avaliação, a escola estava em transição de um currículo tradicional para um currículo quilombola, adicionando uma camada de complexidade ao cenário educacional. O quilombo, enquanto símbolo de resistência, enfrenta desafios estruturais decorrentes de décadas de desigualdades raciais e sociais. A diversidade intrínseca a esse quilombo urbano apresenta desafios únicos na promoção de relações raciais positivas. A interseção de identidades raciais, étnicas e religiosas demanda uma abordagem sensível e específica para garantir que as políticas e práticas educacionais sejam inclusivas e respeitosas.

Os resultados dessa avaliação delineiam uma realidade multifacetada que exige consideração cuidadosa. Eles apontam para a urgência de políticas e práticas educacionais que abordem as complexidades de uma comunidade quilombola urbana. A formação de educadores e o desenvolvimento de currículos que reconheçam e celebrem as diversas identidades são fundamentais para superar os desafios evidenciados durante essa transição curricular. O trabalho de educação para as relações étnico-raciais desenvolvido em um quilombo urbano pode oferecer subsídios para o trabalho em outras escolas ou redes, promovendo não apenas a inclusão, além do empoderamento de uma comunidade historicamente marginalizada. Ações afirmativas e políticas estratégicas podem ser instrumentais para trazer uma mudança significativa. Em síntese, os resultados oferecem uma visão crítica sobre as práticas nas relações raciais na escola, refletindo desafios e sucessos. É imperativo que as conclusões sirvam como ponto de partida para uma discussão mais profunda e a implementação de estratégias que garantam uma educação verdadeiramente inclusiva e igualitária no maior quilombo urbano da América Latina.

Em suma, durante a Semana da Consciência Negra, celebrada em 20 de novembro, a Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira foi palco de uma série de atividades enriquecedoras e significativas, destinadas a marcar essa ocasião tão importante. Palestras inspiradoras, apresentações culturais vibrantes,

exposições cativantes e debates provocativos foram cuidadosamente planejados e executados para destacar a relevância da data e abordar os desafios enfrentados pela comunidade afrodescendente.

Figura 12 - Exposição das Religiões de Matriz Africana.



Fonte: Acervo Pessoal

No ambiente acadêmico, especificamente na turma do 9º ano, testemunhamos um notável engajamento por parte dos alunos durante essa semana especial. Sua participação ativa nas discussões, por meio de perguntas perspicazes e reflexões profundas, demonstrou não apenas interesse, como também uma profunda consciência sobre questões raciais e étnicas. Paralelamente a essas atividades, foram empreendidas ações práticas e projetos colaborativos envolvendo tanto os residentes quanto os próprios alunos. Uma dessas iniciativas envolveu a preparação de exposições de trabalhos sobre Religiosidade Afro-brasileira e Representatividade Negra. Para garantir o sucesso dessas apresentações, adotamos uma abordagem dinâmica, colaborativa e inclusiva.

Definimos uma dinâmica de apresentação que envolvia os alunos trabalhando em conjunto com nosso professor preceptor. Reconhecendo a timidez natural de alguns estudantes, investimos tempo e esforço em prepará-los adequadamente. Foram realizados ensaios, rodas de conversa e momentos de escuta ativa, com o objetivo de promover a confiança e estimular a participação de todos. A turma foi

dividida em quatro grupos, cada um responsável por pesquisar e apresentar sobre uma personalidade negra de relevância histórica: Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, André Rebouças, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus e Maria Aragão. Ao se aprofundarem nas trajetórias desses personagens, os alunos não apenas ampliaram seus conhecimentos, mas também passaram a compreender a importância simbólica e histórica dessas figuras para a luta da população negra no Brasil. Apesar da timidez inicial, os estudantes se empenharam e demonstraram um excelente desempenho. As salas de aula se transformaram em verdadeiros cenários de celebração da cultura afro-brasileira, enquanto alunos, residentes e professores atuavam em parceria para garantir o êxito do projeto.

A atmosfera de engajamento e entusiasmo foi perceptível em toda a escola. O corpo docente estava genuinamente envolvido com as atividades, refletindo um compromisso coletivo com a promoção da diversidade, da escuta e da inclusão. Esse ambiente de valorização da cultura negra e de reconhecimento das subjetividades quilombolas foi fundamental para o sucesso da experiência formativa. Professores como Lúcio, responsável pelas disciplinas de História e Cultura Africana no Ensino Médio, contribuíram significativamente com sua postura aberta, acolhedora e inspiradora. Desde o início da residência, acolheu os residentes com entusiasmo, incentivando a aplicação de metodologias ativas e valorizando os saberes oriundos da universidade. Utilizava recursos como o datashow, acolhia sugestões com generosidade e mantinha um diálogo pedagógico horizontal com todos os envolvidos.

Outro docente fundamental para o desenvolvimento do projeto foi o professor Pedro, atuante na EJA, cuja sensibilidade e prática democrática foram marcantes. Muito querido pelos alunos e residentes, promovia constantemente rodas de conversa, nas quais incentivava a participação de todos e abordava temas de grande relevância social. Sua prática educativa, ancorada no respeito, na escuta e na formação cidadã, inspirou e reforçou o propósito formativo da residência. Por outro lado, o professor titular do 9º ano do Ensino Fundamental II apresentou inicialmente resistência às propostas pedagógicas inovadoras. Sua postura desmotivada e sua dificuldade em reconhecer o protagonismo da população negra e dos alunos quilombolas impuseram desafios à atuação dos residentes. No entanto, com sensibilidade e persistência, os residentes desenvolveram estratégias criativas

e engajadoras, que conseguiram mobilizar os alunos e, aos poucos, transformar o próprio olhar do docente. Ao final do período de residência, foram observadas mudanças significativas em sua postura, inclusive com maior abertura à colaboração e à adoção de metodologias mais inclusivas.

Tais atividades não se limitaram à mera execução de uma carga horária obrigatória. Pelo contrário, foram meticulosamente planejadas e executadas com o propósito de construir uma prática pedagógica comprometida com a equidade racial e com a valorização dos saberes historicamente silenciados. Foram momentos enriquecedores, que transcendem os limites físicos da sala de aula, proporcionando aos estudantes experiências formativas, críticas e transformadoras.

O ambiente de aprendizagem durante a Semana da Consciência Negra e outras atividades especiais foi caracterizado pela troca de experiências, pelo diálogo aberto e pelo respeito mútuo entre alunos, educadores e demais membros da comunidade escolar. Cada iniciativa, desde a criação da biblioteca antirracista até as apresentações sobre representatividade negra, contribuiu para a construção de um espaço educativo mais justo, acolhedor e estimulante. Mais do que simplesmente transmitir conteúdos, essas ações promoveram a reflexão crítica sobre as desigualdades sociais e a importância do pertencimento étnico-racial, capacitando os alunos a se tornarem agentes de transformação em suas comunidades.

A residência pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira foi, portanto, muito mais do que uma exigência curricular. Constituiu-se como uma jornada de aprendizado coletivo, atravessada por desafios, escutas e superações. Os alunos não apenas expandiram seus horizontes cognitivos, como também adotaram posturas mais conscientes, engajadas e críticas frente às injustiças sociais. O compromisso com a construção de uma sociedade antirracista permeou todas as ações desenvolvidas, deixando um legado duradouro de empoderamento, resistência e transformação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas durante a residência pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira foram cuidadosamente planejadas e executadas com o objetivo de promover uma educação antirracista e celebrar a diversidade étnico-racial. O planejamento dessas atividades foi fundamentado nos princípios da Lei nº 10.639/2003, que preconiza a inclusão de conteúdos pertinentes à história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. Paralelamente a isso, foram organizados debates e eventos especiais, como a Semana da Consciência Negra, para fomentar o diálogo e a reflexão sobre questões raciais. Além disso, palestras, apresentações culturais e exposições realizadas durante a Semana da Consciência Negra contribuíram para a conscientização dos alunos sobre a importância da data e os desafios enfrentados pela comunidade afrodescendente.

No âmbito das salas de aula, o engajamento dos alunos foi notável, especialmente durante a preparação e apresentação dos trabalhos sobre Religiosidade Afro-brasileira e Representatividade Negra. A dinâmica adotada, que envolveu os alunos na contextualização histórica e na caracterização de personagens importantes da comunidade negra brasileira, proporcionou uma experiência de aprendizado envolvente e significativa. Em consonância com os ensinamentos de Paulo Freire (1974), ao favorecer uma pedagogia do diálogo, as práticas implementadas permitiram que os estudantes fossem sujeitos ativos no processo educativo, valorizando seus saberes e suas vivências como ponto de partida para a construção coletiva do conhecimento.

A avaliação por indicadores de qualidade da educação das relações raciais foi uma estratégia adotada para monitorar e avaliar o impacto das atividades desenvolvidas. A metodologia participativa, que envolveu alunos, professores, gestores e funcionários da escola, permitiu uma análise abrangente das interações e percepções sobre igualdade racial no ambiente escolar. Os resultados dessa avaliação servirão como base para o planejamento de estratégias futuras, visando promover a igualdade racial e a inclusão no ambiente educacional quilombola. As perguntas dos indicadores de qualidade na educação abordaram aspectos fundamentais, como a intervenção imediata contra xingamentos e discriminação, a quebra do silêncio sobre o racismo, a valorização da estética negra e a democratização do acesso aos lugares de poder.

Em suma, as atividades desenvolvidas durante a residência pedagógica na Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira representaram um esforço coletivo e comprometido com a promoção de uma educação antirracista e inclusiva. O planejamento cuidadoso, a parceria estratégica com instituições como a LIESAFRO, a participação ativa dos alunos e a avaliação contínua por indicadores de qualidade foram elementos-chave para o sucesso dessas iniciativas. O impacto positivo dessas atividades não se limitou ao ambiente escolar, mas reverberou na comunidade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, tolerante e respeitosa com a diversidade étnico-racial.

Essa experiência reforça a afirmação de Abdias do Nascimento (1980), ao destacar que a superação do racismo no Brasil exige ações efetivas que confrontem a estrutura de exclusão histórica e social imposta à população negra. O protagonismo dos alunos e a visibilidade da cultura afro-brasileira no espaço escolar contribuíram para a desconstrução de estigmas e a valorização de identidades historicamente marginalizadas. A criação de um ambiente educacional inclusivo e antirracista é fruto do compromisso contínuo com práticas pedagógicas coerentes, que se consolidaram na criação da biblioteca antirracista, no uso dos indicadores de qualidade e nas ações realizadas em parceria com a LIESAFRO.

Isso cria um ambiente onde todos os alunos se sentem valorizados e respeitados, independentemente de sua origem étnico-racial. O trabalho gerou participação ativa dos alunos, como o envolvimento em atividades pedagógicas significativas, sugerindo que se sentiram motivados e engajados com os conteúdos e metodologias utilizadas. Essa motivação refletiu-se na maior retenção de conhecimento, no desenvolvimento de habilidades sociais e na ampliação da consciência crítica. Soma-se a isso o impacto na comunidade: os efeitos das ações se estenderam para além dos muros da escola, atingindo familiares e moradores do entorno, em um movimento coletivo de valorização da cultura negra.

O desenvolvimento de indicadores de qualidade para avaliar continuamente o progresso das iniciativas é um aspecto importante, pois permite uma avaliação objetiva e orientada a resultados, ajudando a garantir que os esforços estejam gerando impacto positivo e fornecendo direcionamento para futuras intervenções. Conforme defendem Carreira e Souza (2013), é essencial que a escola se comprometa com uma gestão democrática que articule formação docente,

participação comunitária e análise contínua de práticas pedagógicas como meios para promover a equidade racial.

Por fim, vale ressaltar que essa experiência adquiriu um significado ainda mais profundo ao considerar minha própria trajetória como aluna da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participar da residência pedagógica, mesmo enfrentando desafios estruturais, familiares e sociais, foi a materialização de uma conquista coletiva e individual. O espaço escolar, neste caso, não foi apenas campo de atuação docente, mas também território de acolhimento e transformação pessoal. A escola quilombola me ofereceu a possibilidade concreta de desconstruir o eurocentrismo que por tanto tempo silenciou outras formas de saber, sentir e ensinar. Estar nesse lugar, como mulher negra, ex-aluna do EJA e residente em formação, foi exercer a práxis freireana em sua dimensão mais potente: transformar o mundo enquanto me transformo. Assim, essa residência pedagógica não foi apenas parte de um programa institucional, mas um marco formativo que me permitiu ocupar um espaço que historicamente me foi negado, ao mesmo tempo em que contribui para construir, com os estudantes e com a comunidade, uma educação mais justa, plural e comprometida com a valorização das identidades negras e populares.

Nossa experiência como residentes não apenas enriqueceu nossa formação profissional, mas também contribuiu significativamente para o crescimento da escola. Ao unirmos esforços na promoção da diversidade, equidade e inclusão, nos tornamos verdadeiros catalisadores de transformações profundas, capacitando os alunos não apenas com conhecimentos acadêmicos, mas também com valores essenciais de respeito, empatia e consciência crítica.

Expresso minha profunda gratidão a todos os envolvidos neste processo, alunos, educadores, gestores e comunidade escolar. Que as lições aprendidas e as conquistas alcançadas durante nossa jornada como residentes sirvam como inspiração e guia para o contínuo crescimento e fortalecimento da Escola Quilombola CEM-Professor Luiz Alves Ferreira como um espaço de aprendizado inclusivo e transformador.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO ALANA. Panorama da implementação da Lei 10.639/03 nos municípios brasileiros: avanços e desafios. São Paulo: Ação Educativa/Instituto Alana, 2021. Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. O negro na economia brasileira. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2006.

Brasília: ENAP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/5127>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil: estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica n. 54. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101941_informativo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate).

CARREIRA, Denise; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA – ENAP. Perfil Sociodemográfico dos Cargos de Direção e Assessoramento Superior na Administração Pública Federal Brasileira. Brasília: ENAP, 2020. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/5127>. Acesso em: 12 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES , Florestan. A integração do negro na sociedade de classe: O negro na emergência da sociedade de classe. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. 439 p. v. 1.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexism na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GUIMARÃES, Antonio. Racismo e anti-racismo no Brasil: A mutação do Racismo. 2º edição. ed. atual. e aum. São Paulo: Editora 34, 2005. 241 p.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. A Lei 10.639/03 no cotidiano das escolas: desafios para a implementação da educação das relações étnico-raciais. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

ROMÃO, Jeruse (Org.). História da educação do negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 278 p. (Coleção Educação para Todos).